



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO SUDOESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional
VI Colóquio Internacional
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
VITÓRIA DA CONQUISTA

**15 a 18
outubro
2019**

A LINGUAGEM DO CINEMA: MEMÓRIA, PENSAMENTO E CRIAÇÃO NA TRAJETÓRIA DE GERALDO SARNO

Milene de Cássia Silveira Gusmão
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Brasil
Endereço eletrônico: mcsusmao@gmail.com

Euclides Santos Mendes
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Brasil
Endereço eletrônico: euskera21@gmail.com

INTRODUÇÃO

A reflexão apresentada a seguir diz respeito ao trabalho de pesquisa que se iniciou em 2018 e tem como objeto de análise a série *A linguagem do cinema*, concebida e dirigida pelo cineasta Geraldo Sarno entre as décadas de 1990 e 2010. A referida produção audiovisual tem o propósito de explicitar e tornar compreensível ao espectador saberes e fazeres relacionados aos processos criativos no âmbito do cinema. Para isto, o referido diretor produz duas temporadas, com dez programas cada uma, onde registra, por meio de entrevistas e imagens de filmes citados pelos entrevistados, os processos de criação e a formação de 19 realizadores brasileiros (Paulo Caldas, Marcelo Luna, Walter Salles, Daniela Thomas, David Neves, Murilo Salles, Ana Carolina, Ruy Guerra, Jorge Furtado, Linduarte Noronha, Carlos Reichenbach, Julio Bressane, Eryk Rocha, Edgard Navarro, Eduardo Nunes, Cao Guimarães, Lúcia Murat, Rosemberg Cariry e Carlos Diegues), bem como um diretor de fotografia (Luiz Carlos Barreto), um diretor de som (Walter Goulart) e um montador (Ricardo Miranda).

Historicamente constituído como uma das grandes expressões da criação imagética no século XX, o cinema ampliou as possibilidades reflexivas sobre as imagens. Desse modo, coube ao cinema não apenas registrar imagens em movimento, mas também dar-lhes espessura temporal e potência reflexiva. Na virada para o século XXI, os processos imagéticos adensaram-se com as redes multimidiáticas, em que a linguagem audiovisual passa a ocupar cada vez mais centralidade como estrutura de expressão singular e coletiva da memória e do pensamento no mundo social. A trajetória de Geraldo Sarno está marcada por essa compreensão. Não é casual o seu investimento numa produção que apresenta diversas narrativas acerca do pensamento cinematográfico e de seus processos criativos.



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO SUDOESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional
VI Colóquio Internacional
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
VITÓRIA DA CONQUISTA

**15 a 18
outubro
2019**

METODOLOGIA

Este estudo destaca a relação entre memória, linguagem e processos criativos no âmbito do cinema tomando como objeto de análise a formação cinematográfica de Geraldo Sarno e, ao mesmo tempo o seu investimento na realização da série *A linguagem do cinema*, que apresenta outras trajetórias de formação cinematográfica. Faz isso levando em consideração o papel social da memória e sua configuração nos processos de formação sociocultural, bem como o papel da transmissão de conhecimentos entre as gerações, para tratar da importância da linguagem do cinema no campo da criação imagética audiovisual contemporânea no Brasil.

Para isso, toma as reflexões de Norbert Elias (2006, p. 25-32) como contributo compreensivo, por acreditar que os modos de vida nas figurações humanas e a continuidade dos processos sociais são determinados pela transmissão de conhecimentos de uma geração a outra, coetâneas ou não, mediante os aprendizados na forma de símbolos sociais. Melhor dizendo, compreende-se aqui que transmissão, apropriação e reelaboração do conhecimento se dão mediante estruturas de linguagem e de memória, que por sua vez possibilitam a orientação das pessoas no espaço-tempo e sua autorregulação na relação com os outros, em todos os domínios da vida.

Sendo assim, considera-se que a existência do mundo social depende da memória, na medida em que a transmissão de conhecimentos e experiências entre gerações se realiza em forma de aprendizados sociais que se expressam em práticas, gestos, atitudes, em processos de significação que acabam por revelar as modelações dos saberes incorporados. E estes, por sua vez, dizem respeito ao *habitus*. Segundo o sociólogo Pierre Bourdieu (2009), as práticas constroem as estruturas que constroem as práticas. As estruturas que regulam a conformação do *habitus* são criadas, sobretudo, no âmbito da cultura, ou seja, são historicamente constituídas e se objetivam nas relações e práticas sociais. A concepção conceitual acerca da noção de *habitus* é, portanto, fundamental para a compreensão do papel social da memória.

A capacidade orgânica da memória possibilita aos seres humanos tornarem-se seres sociais, conforme explica o sociólogo Norbert Elias (2002). O que distingue o ser humano dos demais seres vivos é sua capacidade de construção simbólica, isto é, de juntar o que está separado e conferir significado a isso – princípio que também define, em essência, a montagem cinematográfica. Somos, portanto, seres capazes de



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO SUDOESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional
VI Colóquio Internacional
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
VITÓRIA DA CONQUISTA

**15 a 18
outubro
2019**

comunicação simbólica, de retenção e produção de conhecimentos. É dessa perspectiva teórico-metodológica que situamos a trajetória de formação e a atuação para formação do cineasta Geraldo Sarno.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nascido em 6 de março de 1938, em Poções, no sudoeste da Bahia, Sarno aproximou-se do cinema ainda na infância, quando frequentava as salas de exibição de sua cidade natal. A relação inicial com o cinema se ampliou na passagem dos anos 1950 para 1960, quando estudava Direito na Universidade da Bahia, em Salvador, e teve acesso a filmes e textos do cineasta e teórico Serguei Eisenstein. Em entrevista aos autores desta pesquisa, realizada em 4 de julho de 2018, Sarno avalia a importância do seu encontro com a obra de Eisenstein na conformação de uma estrutura de pensamento vinculada à reflexão sobre a criação cinematográfica: “O cara que me ensinou a pensar o cinema foi Eisenstein, ou seja, um pensamento formal. Sou, no fundo, um formalista. De alguma maneira, eu dissolvo esse formalismo numa outra coisa, mas o que me forma é uma visão eisensteiniana de formas abstratas”.

A trajetória de formação de Sarno expressa confluências de uma rede de interdependências sociais conformadas numa ambiência sociocultural *sui generis* em que vivia a capital baiana à época. “Aqueles foram tempos de uma ação cultural ampla, vigorosa e inventiva”, comenta o antropólogo e historiador Antonio Risério (1995, p. 23). Jorge Amado, Dorival Caymmi, Carybé, Pierre Verger, Walter da Silveira, Martim Gonçalves, Hans-Joachim Koellreutter, Yanka Rudzka, Lina Bo Bardi, entre outros, foram mestres formadores da jovem geração que, nos anos 1960, revolucionou a cultura brasileira com o Cinema Novo e a Tropicália.

O cinema revela-se para Sarno como possibilidade de realização após viagem iniciática a Cuba em dezembro de 1962, quando foi enviado a Havana como representante da UNE (União Nacional dos Estudantes) para as comemorações do aniversário da Revolução Cubana. A viagem a Cuba estendeu-se por quase um ano, após um encontro de Sarno com o dramaturgo Dias Gomes, que estava na ilha apresentando o internacionalmente premiado filme brasileiro *O pagador de promessas* (1962). Ciente do interesse de Sarno por cinema, Dias Gomes mediou o contato do jovem baiano com Alfredo Guevara, diretor do ICAIC (Instituto Cubano del Arte e



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO SUDESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional
VI Colóquio Internacional
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
VITÓRIA DA CONQUISTA

**15 a 18
outubro
2019**

Industria Cinematográficos). De volta ao Brasil, Sarno realizou seu primeiro filme como diretor: o documentário *Viramundo* (1965). “Com o decorrer dos anos, aos poucos, fui descobrindo que o cinema era uma referência, que era o espaço de alguma coisa que me definia a mim mesmo” (SARNO, 2006, p. 9).

A série *A linguagem do cinema* surgiu da parceria entre Sarno e o crítico de cinema José Carlos Avellar, então diretor da RioFilme (empresa distribuidora de filmes fundada pela Prefeitura do Rio de Janeiro em 1992), que financiou o projeto inicial da série. Em sua realização Sarno fez convergir questões e reflexões sobre a linguagem do cinema brasileiro, que nos anos 1990 estava mergulhado nos desafios decorrentes da crise de produção diante do fim da Embrafilme (empresa pública de cinema fundada pelo regime militar em 1969 e extinta em 1990). Em sua primeira temporada, a série capta as estratégias de criação num contexto de crise produtiva, em que o cinema brasileiro retoma seu potente papel como instrumento de interpretação do Brasil, como revela o episódio com Walter Salles e Daniela Thomas sobre a criação do filme *Terra estrangeira* (1995) a partir da imagem de um grande navio encalhado numa praia.

Num outro episódio da série, Sarno registra, por meio da fala de Paulo Caldas, o processo de criação de *Baile perfumado* (1997), filme emblemático da retomada do cinema brasileiro e que espelha o encontro entre o velho e o novo através das raras imagens em movimento de Lampião, Maria Bonita e seu grupo de cangaceiros, registradas pelo fotógrafo libanês Benjamin Abrahão em 1936 e ressignificadas, seis décadas depois, por realizadores formados no ambiente cineclubista do Recife. Há, portanto, uma perspectiva temporal no registro audiovisual que está presente na própria forma da série, composta pelas falas dos entrevistados e suas memórias sobre como criaram alguns de seus mais importantes filmes, entremeadas por imagens.

CONCLUSÕES

Em entrevista aos autores desta pesquisa, Sarno revela que, no fundo, a série foi feita “com a perspectiva de mostrar como o realizador brasileiro, não apenas o realizador, mas todo cara que trabalha no cinema brasileiro, pensa o cinema, [...] como reflete sobre o seu fazer, como é competente para teorizar sobre o que faz”. Sarno busca demonstrar como o realizador brasileiro é competente para criar e teorizar sobre seu próprio cinema, que não é feito só por imitação, pois as condições de produção não são



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO SUDOESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional
VI Colóquio Internacional
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
VITÓRIA DA CONQUISTA

**15 a 18
outubro
2019**

as mesmas. Ao pensar o cinema com o outro, num trabalho arqueológico e memorialístico em torno dos processos de criação e pensamento no cinema brasileiro contemporâneo, Sarno escava sua própria visão do cinema e expressa a sua formação. A série cumpre, portanto, uma função cultural-educativa importante, ao traçar um panorama do cinema na cultura brasileira contemporânea e contribuir, assim, na formação de novos realizadores, estudantes de Cinema e Audiovisual, pesquisadores e espectadores.

PALAVRAS-CHAVE: Cinema; Linguagem; Memória; Pensamento; Geraldo Sarno.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. **O senso prático**. Tradução de Maria Ferreira. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

ELIAS, Norbert. **Escritos & ensaios; 1- Estado, processo, opinião pública**. Tradução de Sérgio Benevides, Antonio Carlos dos Santos e João Carlos Pijnappel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

_____. **Teoria simbólica**. Tradução de Paulo Valverde. Oeiras, Portugal: Celta Editora, 2002.

GUSMÃO, Milene de Cássia Silveira. “Relações geracionais e aprendizados de cinema na Bahia”. In: GUSMÃO, Milene de Cássia Silveira; SANTOS, Raquel Costa (org.).

Memória e cultura: itinerários biográficos, trajetórias e relações geracionais. Vitória da Conquista, BA: Edições UESB, 2014, p. 103-122.

RESENDE, Caio. “Geraldo Sarno – Apontamentos para o silêncio: cinema, pensamento e linguagem”. In: GUSMÃO, Milene de Cássia Silveira; ALCÂNTARA, Paulo Henrique; MENDES, Euclides Santos (org.). **Cinema e memória**. Vitória da Conquista, BA: Edições UESB, 2019, p. 93-99. (Série Cadernos ProCine, v. 2).

RISÉRIO, Antonio. **Avant-garde na Bahia**. São Paulo: Instituto Lina Bo e P.M. Bardi, 1995.

SARNO, Geraldo. **Cadernos do sertão**. Salvador: Núcleo de Cinema e Audiovisual, NAU, 2006.